



QUESTÕES SOCIAIS E RACIAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR COM O USO DE APLICATIVOS

SOCIAL AND RACIAL ISSUES IN THE YOUTH AND ADULT EDUCATION: AN INTERDISCIPLINARY PROPOSAL WITH THE USE OF DIGITAL DEVICES

NECTOUX, Andrea Lugo¹

PEREIRA, Gizele Dias²

CASSIANO, Michele Francisco³

SILVA, Thays Leal⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta a elaboração e a prática de uma proposta pedagógica interdisciplinar cujo tema central são as relações étnico-raciais, o racismo e a marginalização social no contexto da sociedade brasileira, a partir da leitura de trechos do livro "Quarto de despejo – Diário de uma favelada", de Carolina Maria de Jesus, e do conto "Espiral", de Geovani Martins. A abordagem deste assunto tem como objetivo maior o combate à desigualdade racial e a promoção da equidade e da cidadania. O projeto consiste numa sequência didática com o uso de aplicativos digitais. O público-alvo do projeto foram alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e do Módulo II do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos de unidades escolares do estado do Rio de Janeiro. Como uma proposta interdisciplinar, procuramos desenvolver o tema a partir dos múltiplos e complexos aspectos e fatores que forjam as relações raciais no Brasil e de um processo de emergência das vozes de sujeitos historicamente subalternizados pelo paradigma moderno dominante.

1 Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro - SEEDUC. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3181-6734>. e-mail: deialugo@hotmail.com.

2 Fundação Municipal de Educação de Niterói - FME. Niterói, RJ, Brasil. Fundação de Apoio à Escola Técnica - FAETEC. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0147-5764>. e-mail: gizdp@hotmail.com.

3 Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro - SEEDUC. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://0000-0002-4397-832X>. e-mail: michelecassiano135@gmail.com.

4 Secretaria Municipal de Educação - SME. Resende, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5268-3841>. E-mail: thaysleal@id.uff.br.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; relações étnico-raciais; interdisciplinaridade.

ABSTRACT:

This study describes the development and the practical application of an interdisciplinary pedagogical proposal centered on the ethnic-racial relations, racism and social marginalization within the context of Brazilian society. The proposal is based on the reading process of some excerpts from the book "Quarto de despejo - Diário de uma favela", by Carolina Maria de Jesus, and the short story "Espiral", by Geovani Martins. The main objective of such approach is to raise some awareness against racial inequalities and to promote equity and citizenship. The project consists of a didactic sequence, which makes use of digital devices. The target audience were a few 9th grade and High School students of Youth and Adult Education from school units located in the state of Rio de Janeiro. As an interdisciplinary project, it aimed to discuss the theme from the perspective of the multiple aspects and the complex factors that shape racial relations in Brazil, as well as a process of emergence of the voices of people who have historically been subordinated to the dominant modern paradigm.

KEYWORDS: Youth and Adult Education; ethnic-racial relations; interdisciplinarity

INTRODUÇÃO

A partir da nossa experiência com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebemos trajetórias de vida marcadas pela exclusão social e discriminação racial e a dificuldade em lidar de forma emancipadora em relação a tais conflitos. Por isso, consideramos de grande relevância abordar o assunto das relações étnico-raciais, com o intuito de mobilizar e enriquecer a reflexão dos alunos sobre sua condição no contexto da atualidade brasileira de forma crítica, de modo a visibilizar os lugares de fala e promover uma compreensão crítica em relação à condição do negro no Brasil.

Assim, envolvemos em nosso projeto duas obras de literatura de autores negros e cuja perspectiva é a periferia: O livro "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus, e o conto "Espiral", de Geovani Martins, publicado no livro "O Sol na Cabeça". Os dois textos, de décadas diferentes (o primeiro de 1958 e o segundo de 2018), retratam com profundidade a marginalização social a partir da perspectiva do sujeito marginalizado. Nessas obras, o sujeito negro, a pobreza, a discriminação e diversas interdições (ao



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

alimento, à literatura, e mesmo a certos espaços) se relacionam de modo intrínseco – e essa correlação serve de ponto de partida da problematização da condição do negro em nossa sociedade.

Focalizando no relato do sujeito subalternizado, nosso objetivo procurou problematizar os mitos referentes às relações raciais e aprofundar a exploração da relação entre marginalização e racismo. Nesse processo, a fim de contemplar a complexidade da questão, partimos de um olhar interdisciplinar. Isso significa que concebemos nosso projeto como um trabalho de construção do conhecimento jogando luz sobre saberes e vozes encobertas pelo modelo cultural, social e epistemológico ocidental moderno/colonial, bem como lançando mão de saberes das diversas disciplinas (para além da especialidade do conhecimento referente à formação de cada uma de nós).

Entender e ressignificar as relações raciais no Brasil demandam buscar os variados aspectos desse fenômeno tão complexo, em que se entrelaçam questões epistemológicas, éticas, políticas, estéticas, linguísticas, sociológicas, históricas, geográficas... Enfim, entendemos que qualquer abordagem desse tema que o restrinja a um só desses aspectos, fatalmente o simplificaria de modo impróprio e o mutilaria como objeto de análise. Além de tentar abranger a mais ampla gama possível de saberes, nosso projeto tem em vista abranger a maior gama de olhares e vozes. Assim, a voz do aluno, a voz do negro, a voz do marginalizado, a voz da arte – perspectivas nem sempre identificadas como legítimas no caminho do conhecimento, tal como se dá na modernidade – terão lugar de destaque neste trabalho.

1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: QUESTÕES RACIAIS E SOCIAIS

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade da Educação Básica que apresenta características particulares quanto ao perfil dos alunos, que têm ampla faixa etária – adolescentes, adultos e idosos –, diferentes níveis de escolarização e motivações diversas para o retorno à escola. Por conta dessas especificidades, desde sua origem, quando foi criada para atender a um público marginalizado e defasado, a EJA despertou discussões para construções de diretrizes próprias.

A Educação de Jovens e Adultos começou a ser pensada no ensino primário como tema de política nacional em 1940, por conta do alto índice de analfabetismo no Brasil. Na década de 1960, com as perspectivas de Paulo Freire e os princípios da Educação Popular, a EJA se estendeu para o ensino ginásial. Contudo, com o golpe civil–militar, essas ideias



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

foram suprimidas e poucos avanços foram feitos na EJA por duas décadas. A partir de 1985 a EJA voltou a ser discutida e foi reconhecida como modalidade da Educação Básica na Constituição de 1988. Na década de 1990, com a instituição da LDB Lei nº 9394/96 a EJA foi considerada uma modalidade de Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, a idade mínima para entrada passou a ser 15 anos, o que aumentou a demanda. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos foram estabelecidas no ano 2000, reconhecendo as diversidades e especificidades dos estudantes dessa modalidade de ensino. Em 2001, a EJA foi incluída no Plano Nacional de Educação (PNE) que estabeleceu metas para o atendimento ao público jovem, adulto e idoso para a erradicação do analfabetismo. (PARANÁ, 2006)

Segundo as orientações da Confinteia (Conferência Internacional de Jovens e Adultos), a Educação de Jovens e Adultos deve contribuir para a formação de cidadãos democráticos, mediante o ensino dos direitos humanos e o estímulo à solução pacífica de conflitos e a erradicação dos preconceitos culturais e da discriminação, por meio de uma educação intercultural. Para tanto, é necessária a elaboração de currículos flexíveis, diversificados e participativos, que respeitem os conhecimentos construídos pelos jovens e adultos em sua vida cotidiana; a diversidade de etnias, de manifestações regionais e da cultura popular; e o acesso às modernas tecnologias de comunicação existentes para a melhoria da atuação dos educadores.⁵

A questão racial e a diversidade cultural encontram nas Leis 10.639 e 11.645, que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas, um apoio para inserir as culturas dos povos colonizados nos debates, diálogos e currículos escolares. A Lei n. 10.639 de 9 de janeiro de 2003, afirma que:

Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. (BRASIL, 2003)

5 Fonte: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja-livro-01.pdf>. Acesso em 01/09/2018.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

Após cinco anos a Lei 10.639 foi atualizada para a Lei 11.645, de 10 de março de 2008 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". (BRASIL, 2008)

Essa lei vem conquistando espaço nos currículos escolares como uma das formas de luta antirracista, pois possibilita a reflexão em torno das questões estruturais do racismo presentes nas práticas sociais e educacionais no nosso país.

As classes da Educação de Jovens e Adultos – EJA, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, recebem desde jovens que, por apresentarem distorção idade-série optam por esse segmento, a adultos que retornam à escola após terem se afastado por motivos diversos; portanto, os grupos são heterogêneos. No entanto, têm em comum o fato de serem compostos por um número considerável de negros e negras que, em alguns casos, são a maioria. Assim, a questão racial atravessa a EJA e se faz urgente sua abordagem em sala de aula

Pensar a realidade da EJA, hoje, é pensar a realidade dos jovens e adultos excluídos. Segundo Miguel Arroyo (2001 apud Gomes, 2011), a Educação de Jovens e Adultos tem sua história muito mais tensa do que a história da educação básica. Nela se cruzaram e se cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e os adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos e excluídos.

A partir de nossas vivências como professoras da EJA, percebemos que a temática racial desperta o interesse dos alunos e alunas, uma vez que tal temática engloba a todos e todas. No entanto, tais discussões, em geral, ocorrem quando há uma exigência do conteúdo, como ao estudar a abolição da escravatura, por exemplo. Desta forma, as questões raciais não assumem papel de destaque, salvo em disciplinas específicas, como História e Sociologia, o que é insuficiente em turmas cujos atores são cotidianamente atravessados pelas questões étnico-raciais. É preciso, portanto, re(pensar) o trabalho com a questão racial na EJA, inclusive em uma perspectiva interdisciplinar. Nas palavras de Nilma Lino Gomes (2011, p. 90): "pensar a realidade da EJA, hoje, é pensar a realidade de jovens e adultos, em sua maioria negros, que vivem processos de exclusão social e racial".

Nessa perspectiva, educadores e educadoras da EJA devem levar em conta os processos sócio históricos de formação da sociedade brasileira, bem como as heranças que ainda carregamos em termos positivos e negativos, sendo o racismo, sem dúvida, uma delas. Dialogando novamente com Nilma Lino Gomes (2011), julgamos ser imprescindível tratar de forma crítica e reflexiva as questões étnico-raciais, sem perder de



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

vista os processos de exclusão presentes na estrutura de nossa sociedade, a fim de “desnaturalizar as desigualdades” que vêm sendo reproduzidas há séculos. Para tanto, a referida autora questiona:

Como pode o público da EJA ser majoritariamente negro e pobre e essa especificidade não ser contemplada dentro das propostas de EJA? Como pode a discussão sobre a questão racial e EJA ser ainda tão pouco rebatida e problematizada pelos educadores e educadoras que trabalham com a EJA? Por que as pesquisas sobre juventude de periferia e políticas públicas para a juventude não consideram a questão racial? Como pode haver debates e pesquisas sobre EJA e diversidade cultural que não problematizem a questão do negro? (GOMES, 2011, p. 99).

2. PENSANDO UM PROJETO INTERDISCIPLINAR

Existe uma constatação amplamente reconhecida a respeito da prática educacional, desde o fim do século XX, e que cada vez encontra mais eco em nossa realidade, que é a de que há uma séria inadequação entre o modelo de educação em vigor, calcado nas características do paradigma moderno, e o mundo real, seus problemas, suas demandas, assim como os modos de ser emergentes na contemporaneidade. O processo de conhecimento modelado na modernidade, baseado na metodologia da ciência moderna, segundo Edgar Morin baseia-se em uma

a inteligência que só sabe fragmentar separa o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo (...) Sua insuficiência em tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. (MORIN, 2003, p.14)

A concepção tradicional de conhecimento proposta pelo paradigma moderno consiste em uma abordagem empobrecedora da complexidade intrínseca da realidade. Esse empobrecimento apresenta-se, dentre outros aspectos, através da especialização do objeto de estudo das ciências particulares e das disciplinas escolares que se fecham dentro de suas fronteiras. A consequência desse modelo, assim, é a descontextualização do saber, a difusão da estreiteza da visão superespecializada e o abandono de uma abordagem que poderia proporcionar o vislumbre de liames que entrelaçam as perspectivas.

Diante desse cenário, perguntamo-nos como constituir uma prática pedagógica que



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

pudesse representar uma superação do paradigma reducionista, afirmando a complexidade inerente à realidade e às questões raciais e sociais. E as ideias de interdisciplinaridade nos serviram de embasamento e de inspiração.

A interdisciplinaridade, em primeiro lugar, consiste numa atitude crítica em relação ao modelo moderno de conhecimento. Mas não consiste em uma crítica reativa e pessimista, mas sim criativa e propositiva. A perspectiva interdisciplinar reconhece os limites do paradigma dominante e propõe outra postura possível diante do conhecimento, mais ampla e complexa.

Quanto às questões relativas às relações étnico-raciais, em primeiro lugar, as características da epistemologia hegemônica endossam a ideia de um sujeito universal do conhecimento, e a contemplação de forma exclusiva de uma só perspectiva. Sendo a perspectiva do conhecimento ocidental moderno exclusivamente eurocêntrico, é o homem branco o sujeito universal, na verdade – e as demais perspectivas, povos e saberes, considerados primitivos e inferiores

Então, uma educação antirracista que se pretenda profunda e consistente, dentro da escola, deve redimensionar os saberes oficiais (disciplinares e epistemologicamente eurocêntricos), de modo a revelar a parcialidade da perspectiva dita universal (do latim, *universalis*, que se remete ao uno) e permitir o vislumbre do que foi eclipsado por essa posição hegemônica. Assim, para revelar o que não fora “iluminado” pelo discurso hegemônico e dar conta das mais variadas faces e interpretações dessa temática, cremos numa postura interdisciplinar de construção do conhecimento e nos inspiramos nos dizeres de Ivani Fazenda:

A pesquisa interdisciplinar somente torna-se possível onde várias disciplinas se reúnem em torno de um mesmo objeto, porém é necessário criar-se uma situação-problema, onde a ideia de projeto nasça da consciência comum, da fé dos investigadores no reconhecimento da complexidade do mesmo e na disponibilidade destes em redefinir o projeto a cada dúvida, ou a cada resposta encontrada. Neste caso, convergir não no sentido de uma resposta final, mas para a pesquisa do sentido da pergunta inicialmente enunciada. (FAZENDA, 2008, p. 22)

O objeto/questão em torno do qual nos reunimo tem a especificidade de constituir uma lacuna. Assim, faz parte de nosso trabalho significar a ausência, o silenciamento da voz dos marginalizados, mas isso só é possível se resignificarmos e pormos em xeque a estrutura dos saberes oficiais (científicos e disciplinares). Entendemos que uma prática comprometida com antirracismo e com equidade social não pode consistir somente na adição de um tópico a mais na lista de conteúdos curriculares. Ela implica outra postura perante a noção de conhecimento de modo geral, uma postura que a interdisciplinaridade



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

contempla. Significar o silêncio e reconstituir o que foi silenciado constitui criação de conhecimento, um conhecimento não mais apartado de seus contextos, em viva e dinâmica construção. Não se trata mais de buscar a única versão, mas revelar as perspectivas (os lugares de fala), de emancipar as vozes e fazê-las interagir.

O sentido designado pelo prefixo latino *inter* de interdisciplinaridade é o de uma relação espacial entre elementos (intermediária), o relacionamento entre elementos, e também uma relação de reciprocidade. Assim, o conceito de interdisciplinaridade aponta para o esmaecimento das fronteiras disciplinares. Esses limites, que funcionam como barreiras da especialização de cada campo, são borrados e tornados permeáveis a partir da perspectiva interdisciplinar. Sua premissa, em contraste com o modelo moderno, é a negação da autonomia absoluta e autossuficiência de cada disciplina. A partir dessa compreensão, a interdisciplinaridade propõe um olhar de sobre a realidade intrinsecamente integrador e contextualizado, considerando a interdependência e a coparticipação dos conhecimentos disciplinares.

Segundo Morin (2003, p. 55), "a maior contribuição do conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. A maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas".

Nessa direção, apostamos em uma perspectiva interdisciplinar pelo modo como ela propõe a elaboração dessa condição através da articulação e interação mútua dos saberes modernos (no campo da educação, as práticas pedagógicas, disciplinas e currículos) com outros por eles ofuscados (como, por exemplo, saberes práticos, saberes tradicionais, saberes populares, saberes produzidos por grupos subalternizados, etc...), de modo a possibilitar o enfrentamento da incerteza. Muitos elementos, que para o paradigma moderno representam perturbações e, conseqüentemente, são por ele desprezados, a partir da interdisciplinaridade são reintegrados, sem o temor da perda da certeza. Isso porque a interdisciplinaridade privilegia o sentido de processo em relação ao de produto acabado, privilegia a riqueza do diálogo (que pressupõe abertura) em detrimento do discurso hegemônico de uma única voz

3. O USO DE APLICATIVOS

Segundo Santos e Martins (2015), em nossa sociedade contemporânea o uso de tecnologia é cada vez mais amplo, inclusive no meio escolar, onde os alunos estão inseridos em uma nova cultura, a cibercultura. Nesse contexto, percebemos a necessidade de levar as novas tecnologias para o espaço escolar, para um melhor processo de ensino-



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

aprendizagem. Dessa forma, o docente deve buscar se apropriar da tecnologia para direcioná-la de modo a auxiliar o aprendizado.

As novas tecnologias podem ser instrumentos transformadores e contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, desde que o docente tenha o papel de mediador, direcionando a informação ao conhecimento. Para tanto, educadores e alunos precisam trabalhar coletivamente com as tecnologias digitais, onde a escola deve ser um espaço de orientação e apoio aos esforços dos alunos frente às potencialidades do mundo virtual, considerando não somente o conhecimento escolar, mas a experiência prévia do aluno e seu cotidiano. Desta forma, o uso de aplicativos não é apenas um recurso didático, mas uma forma de viabilizar a problematização das narrativas que dão sentidos à cultura vigente (HEINSFELD, PISCHETOLA, 2017). Acreditamos que o uso de aplicativos na sala auxilia docentes e discentes pois permite a aproximação do professor com a realidade do aluno e contribui para construção de uma sala de aula mais dinâmica e atrativa, possibilitando um espaço para a reflexão e discussão do mundo que nos cerca.

Além disso, o uso de aplicativos contribui para a inserção de novas práticas de letramento ao cotidiano escolar. Rojo (2012) defende a necessidade de uma pedagogia de multiletramentos em que o uso de novas ferramentas de áudio, de vídeo, de edição e diagramação se tornam essenciais. Afirma ainda que as tecnologias não devem ser utilizadas apenas como ferramentas de ensino, mas precisam tornar-se objeto de ensino e a escola não pode se manter à margem das exigências que esses novos letramentos fazem. Nas palavras da autora:

As profissões da atualidade lidam com imagem, com som digitalizado, com programas de edição de fotos, ou seja, grande parte dos profissionais não opera mais, sem os textos multiletrados. Essa é a maneira de escrever do futuro, mas, para a juventude, esse já é o jeito como ela escreve e é desse jeito que ela vai viver e, inclusive, trabalhar. Esse é um dos motivos pelos quais o conceito de multiletramentos tem toda a relevância para a escola. Do mesmo jeito que ela alfabetizava para ensinar a assinar o nome no começo do século XIX e que alfabetizava para ler pequenos textos e depois mais complexos ao longo do século XX, agora é preciso letrar para esses novos textos que se valem de várias linguagens. (ROJO: 2013, p. 8-9)

Portanto, propor uma pedagogia dos multiletramentos é essencial, uma vez que as tecnologias digitais introduzem novos modos de comunicação que demandam o desenvolvimento de diferentes habilidades, gerando a necessidade de diferentes letramentos.

De acordo com Rojo (2012), uma das principais características dos letramentos digitais é que eles são interativos, ou seja, permitem que o usuário interaja com diferentes



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

interlocutores em diferentes mídias digitais. Essa característica favoreceu irmos além da mera interação e o que se busca, hoje, é o compartilhamento e a colaboração coletiva. Ou seja, abre-se a possibilidade de criar textos, vídeos, músicas, que podem ser compartilhados e que permitem a colaboração de terceiros. Isso gera uma nova lógica que exige novas formas de ensinar e aprender. O uso das novas tecnologias na escola pode despertar nos estudantes o orgulho de serem produtores de seus trabalhos, uma vez que podem encontrar na rede um espaço em que é possível dar vazão a suas produções, a sua própria voz.

Assim, dentro de uma reflexão sobre a era tecnológica em que vivemos, nosso projeto tem o potencial de problematizar a circulação de informação, as narrativas em circulação, e de onde partem as narrativas. Por outro lado, também tem o potencial de efetivar uma ação no sentido da democratização da produção de informação no espaço virtual, de promover a visibilização de narrativas com a perspectiva não hegemônica.

4. APLICAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM USO DE APLICATIVOS DIGITAIS

4.1 (RE) CONHECENDO CAROLINA MARIA DE JESUS E SEU “QUARTO DE DESPEJO”

Como educadoras estamos convictas da necessidade e da importância de se abordar questões sociais e raciais nas aulas da Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista o perfil dos estudantes desse segmento, em sua maioria negros e/ou oriundos da classe popular, trabalhadora. Assim, decidimos propor aos alunos a leitura de trechos do livro “Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada”, da escritora Carolina Maria de Jesus, por tratar-se de um testemunho contundente das agruras que atravessam a vida de negros, pobres, favelados no Brasil. Carolina de Jesus estudou até a segunda série primária; a baixa escolaridade, no entanto, não a impediu de registrar em inúmeros cadernos suas vicissitudes como mulher negra que cuidava sozinha dos três filhos na favela do Canindé, em São Paulo. A fome e a miséria são descritas reiteradamente no relato da catadora de papelão, ao mesmo tempo em que denuncia o abandono no qual vivem os favelados.

As atividades foram realizadas no turno da noite, em uma escola estadual do município de São Gonçalo / RJ, em duas turmas do Módulo 2, compostas por grupos heterogêneos, com idades entre dezoito e cinquenta e cinco anos; e em uma escola municipal de Resende/RJ, em turma de 9º ano da EJA, composta por alunos com idades entre dezessete e cinquenta anos; e em uma municipal localizada no município de



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

Niterói / RJ, em duas turmas de 9º Ano: 9C e 9D.

Os estudantes leram alguns trechos do diário, previamente selecionados, e registraram, em grupos, suas primeiras impressões acerca dos relatos da autora. Os alunos leram os trechos com muita atenção e emoção, alguns afirmaram quase chorar diante da dura realidade de Carolina e seus filhos. Foi unânime a admiração pela força e foco de Carolina na luta contra a fome e as mazelas de seu trabalho e de sua vida na favela. Nesse dia, eles foram para casa com a tarefa de ler mais alguns trechos, a fim de que se aprofundassem mais na leitura do livro.

4.2 RACISMO: PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO

Para atender as demandas específicas de suas disciplinas de origem, cada professora procurou adequar a aplicação da sequência e os debates às necessidades de cada componente curricular. Nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos sempre registravam por escrito suas impressões e a partir dos textos eram trabalhadas questões gramaticais. O mesmo foi feito nas aulas de Língua Inglesa, nas quais foram analisados trechos da obra em inglês, com foco em técnicas de leitura em língua estrangeira⁶ e na análise de alguns itens lexicais. Nas aulas de História, o trabalho com Quarto de Despejo norteou a abordagem de conteúdos específicos, tais como os governos de Dutra, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart, na busca de aproximar os alunos do que seria uma Radionovela e dos governos, pois Carolina Maria de Jesus comenta e critica os políticos de sua época. Ressaltamos, portanto, a necessidade de aliar o projeto às especificidades de cada disciplina.

As questões da primeira aula foram retomadas de duas formas: através da exibição do curta Carolina Maria de Jesus⁷, com duração de quatorze minutos e a partir da leitura do conto "Espiral", de Geovani Martins. Promovemos um debate sobre favelização, problematizando a formação das favelas no Rio de Janeiro e em São Paulo⁸. Ao falar da formação das favelas inevitavelmente fez-se referência à abolição da escravatura e suas implicações, como a marginalização dos negros que, por falta de políticas de inclusão

6 Skimming (compreender o sentido geral do texto através de inferências e do reconhecimento de palavras parecidas com o português) e Scanning (buscar informações específicas orientado por perguntas norteadoras).

7 Disponível em www.youtube.com, acesso: outubro/2018

8 Para encaminhar a discussão sobre favelização, partimos do vídeo O que é Favela? disponível em www.youtube.com, acesso: outubro/2018.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

social, foram forçados a procurar refúgio em habitações irregulares, sem infraestrutura; esses conglomerados improvisados representariam a perpetuação do abandono e da exclusão.

Em uma roda de conversa, falamos sobre a vida da Carolina Maria de Jesus, suas lutas e também sua vitória ao ter seus escritos publicados, problematizando as questões inerentes à pobreza, à miséria, à fome, dentre outras recorrentes no livro. Os alunos ressaltaram os trechos que mais lhes chamaram atenção e alguns relacionaram as vivências da Carolina de Jesus às suas próprias vivências. Reiteradamente a autora fala das dificuldades para conseguir água, da luta diária por comida, dos problemas com os vizinhos, além de citar políticos. Temas como alcoolismo e a falta de possibilidades de planejar e organizar a própria vida, tendo em vista a necessidade de lutar diariamente pela sobrevivência, também emergem dos relatos da autora. Sem dúvida, esse dia foi o ponto alto da sequência, pois nesse momento, na medida em que os estudantes relatavam suas histórias bastante semelhantes às da Carolina de Jesus, percebemos que, a despeito das diferenças espaciais e temporais, os pobres e negros atualmente ainda enfrentam desafios parecidos com os enfrentados em meados do século XX, período em que a autora fez seu testemunho. Definitivamente, tivemos um momento catártico nesse dia.

O conto “Espiral” foi trabalhado apenas na aula de História e despertou interesse por apresentar uma narrativa em primeira pessoa de um menino morador de favela e estudante de escola pública que sofre preconceito por conta de sua origem e aparência. Após a leitura, os alunos foram levados a refletir sobre as diferenças da favela descrita no enredo de Carolina de Jesus e de Geovani Martins. Foi notado, que a favela de Carolina era permeada pela fome e a atual, pela violência, e que ambas são compostas por pessoas pobres e sem condições de morar em outro local, vítimas da marginalização e preconceito da sociedade. Sobre os preconceitos raciais e sociais enfrentados pelos protagonistas de ambas as histórias, os alunos contaram que já vivenciaram situações semelhantes:

“... eu trabalho em uma oficina mecânica, e essa semana eu tive que ir ao banco depositar um dinheiro que meu chefe pediu, quando entrei no banco todos ficaram me olhando porque eu estava malvestido e sujo, o segurança ficou me encarando e a mocinha que ajuda as pessoas nos caixas, atendeu todo mundo e depois veio me ajudar. ”

“... direto no ônibus, quando eu entro, as pessoas ficam me olhando e seguram a bolsa, é por causa da minha aparência.”

“... só porque eu moro na Fazenda da Barra (bairro periférico de Resende), as pessoas acham que eu sou bandido.”



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

Destacamos uma questão que emergiu nas aulas de inglês com relação às palavras “favela”, que não foi traduzida no livro e “*negro*”, que adquire uma conotação pejorativa e deve ser evitada. Neste momento, aproveitamos a oportunidade para abordar a questão da importância que determinados itens lexicais adquirem, enfatizamos que podemos utilizar determinados termos e expressões tanto para reforçar preconceitos e estereótipos, quanto como instrumentos de resistência e contestação. Nessa mesma direção, apresentamos aos alunos algumas frases que contêm preconceitos raciais, mas que, por estarem naturalizadas nos imaginários individuais e coletivos, não são questionadas. Assim, pedimos aos alunos que pesquisassem, para a aula seguinte, expressões racistas comumente utilizadas, além de outras, antirracistas.

Ainda atendendo à uma demanda da aula de inglês, selecionamos trechos em que a Carolina Maria de Jesus descreve o que é ser negra para ela e pedimos aos estudantes que destacassem como foram abordadas no livro as questões raciais e da identidade negra. Na sequência, compartilhamos as frases selecionadas do livro e as expressões racistas e antirracistas pesquisadas pelos estudantes. A partir dessa troca, promovemos um debate acerca das reflexões sobre o preconceito racial presente na linguagem usada no dia a dia.

Para finalizar a discussão, mantendo o foco nas temáticas racial e social, analisamos o registro feito no dia 13 de maio de 1958, no qual a escritora registrou que embora fosse o dia de comemorar a libertação dos escravos, ela seguia lutando contra a escravatura provocada pela fome. Encerramos a roda de conversa pedindo que os estudantes refletissem a partir da pergunta: contra qual escravatura negros e pobres lutam atualmente?

4.3 ETAPA FINAL: CONFECCÃO DE MEMES E GRAVAÇÃO DA RADIONOVELA

Após compartilhar as respostas à pergunta: contra qual escravatura negros e pobres lutam atualmente? os alunos foram desafiados a confeccionar memes e produzir uma radionovela. Em decorrência do tempo reduzido, não houve tempo hábil para a realização das duas atividades, assim, apenas uma turma gravou a radionovela, as demais criaram memes.

Meme de internet trata-se de uma ideia ou conceito rapidamente difundido pela web. O tipo mais comum consiste em frases que veiculam informações com tom jocoso e trocadilhos, acompanhadas de figuras. Segundo Rojo (2012), com o advento dos recursos tecnológicos, os textos são cada vez mais híbridos, compostos por múltiplas linguagens, o



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

que exige a capacidade de compreensão e de produção de cada uma delas.

Pedimos que produzissem memes no aplicativo Aviary, os quais deveriam ter o potencial de levar mensagens antirracistas, utilizando, principalmente, as frases retiradas dos trechos do "Quarto de Despejo". As imagens foram selecionadas no banco de dados nappy.com, cujo acervo gratuito reúne fotos que ilustram cenas do cotidiano, exatamente como milhões de outras disponíveis na internet, só que apenas de pessoas negras e pardas.

Os alunos nativos digitais produziram os memes sem dificuldades, alguns inclusive fizeram dois ou três; já os imigrantes digitais, especialmente com idade mais avançada, apresentaram dificuldades desde o acesso à loja de aplicativos até a seleção das imagens e edição. As dúvidas foram sanadas via Whatsapp, porém, ainda assim, alguns estudantes pesquisaram memes prontos em vez de criar seu próprio texto; atribuímos esse fato a dois fatores: a dificuldade de manusear dispositivos eletrônicos e de se ver como produtor de textos na web. Cabe à escola, portanto, propor atividades que propiciem ao estudante a possibilidade de transpor essas barreiras e superar as limitações.

Em uma das escolas o produto final foi apresentado no Chá Literário, com a exposição dos cartazes e reprodução dos memes no Datashow; na outra, no evento em comemoração do aniversário da escola, através de um painel, confeccionado pelos alunos, com trechos do livro e alguns memes. Os estudantes apresentaram o material aos outros alunos da escola, alguns até ensinaram como fazer memes. Foi um momento em que tiveram a oportunidade de expor um pouco daquilo que aprenderam e se divertir com isso. Foi uma experiência bastante enriquecedora.

Figuras 1: Alguns dos Memes produzidos nas aulas de Língua Portuguesa



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2018.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

Figuras 2: Alguns dos Memes produzidos nas aulas de Inglês



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2018.

Com relação à radionovela, a partir das respostas que emergiram acerca das problemáticas raciais e sociais que escravizam negros e pobres atualmente, a saber: o preconceito e o racismo sofrido pelos negros, o desemprego e a impossibilidade de melhorar de vida e o fato de viver cercado por violência e pelo tráfico de drogas, os alunos foram divididos em três grupos e orientados a escrever um capítulo para o folhetim, com os devidos efeitos sonoplásticos. Os textos foram revisados e, após os devidos ajustes, os grupos se separam na escola para gravar as suas histórias, a partir do aplicativo Gravador de voz. Terminadas as gravações, os grupos encaminharam o áudio por bluetooth para a professora. Por fim, foi organizada a apresentação dos capítulos da radionovela. Os alunos ficaram ansiosos para ouvir as histórias do folhetim intitulado: "Um dia de um pobre, negro ou marginalizado no Brasil."

Com base na aplicação dessa proposta pedagógica, foi possível notar o empenho dos alunos em participar da sequência didática. Os textos escolhidos aproximaram os



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

alunos de uma realidade que os cerca, os debates geraram um espaço para o diálogo de suas vivências e opiniões, a escrita autoral, a confecção dos memes e a gravação da radionovela com uso do celular, permitiram o desenvolvimento da criatividade, interação e autonomia. Aplicar atividades pedagógicas usando tecnologia pode gerar certa resistência inicial, mas produz nos discentes um maior interesse pelo assunto abordado em sala de aula, permitindo que eles reconheçam que suas vozes também podem (e devem) ser ouvidas e se coloquem como protagonistas no meio escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de nosso projeto se deram em aulas das disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e História. Entretanto, devido ao caráter interdisciplinar pretendido e do foco na complexidade da realidade e das relações sociais e raciais, as aulas apresentaram uma real ampliação de horizontes e interconexão de saberes. Afinal, como explicar a ausência do termo favela na língua inglesa sem extrapolar uma abordagem estritamente linguística? Ou como esclarecer a conotação pejorativa atribuída à palavra negro na língua inglesa, sem discutir as diferenças culturais como cada país define as relações raciais? Ou ainda, como significar o fato de que as obras trabalhadas, apesar de apresentarem uma distância temporal entre suas publicações de 60 anos, parecerem tratar de realidades contemporâneas, mantendo-se somente nos conteúdos tradicionais de Língua Portuguesa? De fato, as questões suscitadas nas leituras propostas e condução das aulas revelam que só ganhamos em riqueza de produção de conhecimento ao borrarmos as fronteiras das abordagens clássicas de cada disciplina e nos abirmos para além dos conhecimentos de nossa formação específica.

Além disso, propondo nosso projeto interdisciplinar como essencialmente colaborativo, como um conhecimento vivo feito em parcerias, pudemos constatar que quando chamados a serem protagonistas dessa produção, os alunos realmente assumem essa postura e se motivam. E eles começaram a se sentir protagonistas no momento em que se reconheceram na voz das obras propostas. Assim, as questões levantadas não se referem somente à compreensão do texto, mas na compreensão de si mesmos e de sua própria condição. Elaborando sentidos às obras de Carolina e Geovani, eles estavam elaborando sentidos de suas próprias vidas, e, assim como eles, projetando sua voz – uma voz contra-hegemônica.

Os alunos da EJA têm uma trajetória particularmente rica em experiências. E todo esse valor, o conhecimento pregresso que eles já trazem, veio à tona nas aulas. Pudemos constatar que a interdisciplinaridade, ao considerar e acolher inclusive os saberes que



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

fogem do modelo moderno de conhecimento, constitui uma postura pedagógica especialmente profícua. O conhecimento gerado a partir da articulação dos relatos pessoais e visões de mundo dos alunos com outros saberes, possui a característica de estar calcado na vivência, relacionado à vida – e não entendimentos meramente abstratos. Dessa forma, os alunos ampliam e ressignificam as compreensões de sua própria realidade e do cotidiano. E nós também.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei n.10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003
- _____. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade, um projeto em parceria. 6º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- FAZENDA, Ivani. A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores. In: Didática e interdisciplinaridade. 17º ed. Campinas: Papirus, 2012.
- FAZENDA, Ivani. O que é Interdisciplinaridade? São Paulo. Cortez: 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais. In: GIONANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino; SOARES, Leôncio (Orgs.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- HEINSFELD, Bruna Damiana; PISCHETOLA, Magda. Cultura digital e educação, uma leitura dos Estudos Culturais sobre os desafios da contemporaneidade. Revista Ibero-americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 12, n. esp. 2, p. 1349-1371, ago./2017.
- JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo – Diário de uma favelada. 10ª ed. São Paulo. Editora Ática, 2014.
- LENOIR, Yves. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável. In: Didática e interdisciplinaridade. 17º ed. Campinas: Papirus. 2012



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57701

MARTINS, Geovani. O sol na cabeça – Contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos. Curitiba, 2006, p. 16-31. Disponível em: Acesso em 29 mai. 2013.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.H.; MOURA, E. (Orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. Outras maneiras de ler o mundo. Educação no século XXI: multiletramentos. Entrevista concedida a Fundação Telefônica. São Paulo, n.3, p. 7-11, 2013.

SANTOS, Letícia Menezes; MARTINS, Leylane Menezes. Cibercultura: a educação no mundo contemporâneo. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional. 2015.

Recebido em 5 de fevereiro de 2021

Aceito em 3 de setembro de 2021



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença [Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.